# Intérpretes do Brasil: Como Pensar o Brasil Hoje

## Sobre interdisciplinaridade

Na primeira aula foi problematizado o fato de não ser fácil (e talvez prejudicial) construir um objeto global de estudo científico tal como o Brasil. Essa problematização exige um aprofundamento que passa pela crítica epistemológica da disciplinarização e uma reflexão sobre alternativas, talvez a denominada interdisciplinaridade.

- 1. Crítica epistemológica (teoria do conhecimento): a produção do conhecimento científico precisa ser constatemente submetida à crítica desde, a epistemológica até os próprios fundamentos das ciências.

- 2. Os praticantes das ciências devem ser seus próprios filósofos: as atividades críticas no mundo da ciência, seu alcance, sua eficácia e seu estado da arte são trabalhos infindáveis para a comunidade científica e para a filosofia. Isso quer dizer, como gostava de dizer o geógrafo Milton Santos, que em cada disciplina seus praticantes têm que ser, numa medida, seus filósofos. Não há aqui nenhuma pretensão pedante, mas a aposta de que o trabalho reflexivo daquele que atua num campo científico favorece as práticas das ciências.

- 3. Os praticantes das ciências devem ser seus próprios filósofos (II): pode-se crer que o questionamento epistemológico é ainda mais necessário em tempos de crise. Afinal, parece razoável que os tempos que vivemos exigem refletir sobre *Como pensar*, com produzir conhecimento científico, o Brasil no caso. Em tempos de eventos moderados (regime de cruzeiro de Thomas Kuhn), o trabalho da pesquisa talvez confirme uma afirmação de Heidegger: *a ciência não se pensa*. Na realidade, a distinção entre "ciência normal" regime de cruzeiro e a "ciência revolucionária" não é algo que deva ser separado no tempo. Deve ser sincrônico: a todo momento a reflexão sobre a produção dos conhecimentos normais (positivos) merece ser efetuada. É um recurso, um atalho e aumenta a produtividade da pesquisa. Afinal, todo acréscimo de novo conhecimento coloca em questão, seja diretamente, seja por deslocamentos discretos, a arquitetura dos saberes acumulados.

- 4. Pilares da atividade (do pensamento) científica: Como se posicionar no universo epistemológico? Há um processo complicado de disciplinarização e institucionalização de domínios, de objetos de estudo que afeta a substância dos saberes. Esses domínios são marcados por *enclaves semânticos.* Como se orientar nesse universo? Temos que voltar a algumas bases mais modestas, e pensar nos princípios elementares (polos) que definem o trabalho científico...

Princípio 1: os enunciados científicos consistem em objetos novos e diferem das representações encontradas na vida corrente por sua **coerência interna** (homogeneidade, pensamento sistêmico/teórico e discurso econômico)

Princípio 2: o trabalho científico admite a existência de uma realidade exterior à pesquisa e procura se construir como **pertinente** à essa realidade. Sem essa relação não há distinção em relação à Filosofia.

Princípio 3: produções científicas são produções culturais e por serem consumidas por diversos segmentos da sociedade (desde o próprio pesquisador até o grande público, passando pelas comunidades acadêmicas), devem ser **acessíveis**, porque em não sendo correm o risco de não se agregar aos conhecimentos repertoriados.

- 5. Os domínios do saber, áreas científicas, disciplinarização: os domínios do saber, as áreas científicas (a razão que conhece), vinculam-se, bem ou mal, a distinções pré científicas que resultam da recionalização do *mundo vivido* (J. M. Ferry, Habermas) (a razão essencial). Já nesse âmbito distingue-se um *mundo natural* (do mecanismo), um *mundo social* (da interação), um *mundo interno, psíquico* (da simbolização, da significação). São racionalizações e esses pontos de vista se cristalizam. No entanto, a produção consciente do saber, remetida aos sistemas que vão se organizando, fragilizam essa correspondência, e a arquitetura dos saberes científicos constitui-se largamente de modo independente dessa arquitetura pré-científica, do mundo vivido.

*"A organização institucional das disciplinas científicas*[1] *não resulta de uma reflexão sobre os métodos de constituição dos domínios de objetos, mas, sobretudo, de uma abordagem empiricamente condicionada e largamente independente da arquitetura conceitual do saber." Jean-Marc Ferry (1991, p. 96)*

- 6. Disciplinarização: vejam o que define a prática científica não é a existência das disciplinas tais e tais e nem o processo de institucionalização que definiu áreas de saber... Tanto que a melhor definição de disciplina, não é a de área ou domínio de saber tal e tal, e sim de *recorte institucional de um conjunto de saberes que delimita um domínio onde se realiza a produção de um saber acadêmico e a reprodução profissional dos especialistas.* (Isso que é a produção de um sistema). Os princípios subjacentes a essa disciplinarização é que se não se definir o campo, os métodos, os procedimentos de formação e de recrutamento dos profissionais, as regras (demonstração do controle do *corpus* e da produção dos pares, das citações das fontes etc); se não se realiza uma operação de "fechamento de fronteiras", não haverá como distinguir, legitimar e conferir autonomia às práticas científicas (e poder) em relação aos outros saberes e discursos sociais. A distinção entre os amadores e os profissionais é logo feita com bastante energia... (inventa-se o leigo). Os profissionais criam seu próprio meio de regulação, cria-se uma vigilância disciplinar, o que não demora em se traduzir na estabilidade das práticas, e numa certa hostilidade à inovação, à rebeldia. *Se a disciplina é a força dos exércitos ela*

[1] É sempre bom lembrar que institucionalizar uma área do saber, uma ciência, é transformá-la em disciplina.

*nem sempre é, a força das ciências.* O ideal de uma comunidade regida por desafios estritamente científicos foi singularmente abalado pelos trabalhos da sociologia e da antropologia das ciências (Bruno Latour, mas essa crítica já existia em boa medida). Nas práticas científicas, está condensada e mascarada toda uma miríade de representações culturais e de interesses de todas as ordens. A questão não é que o sistema científico disciplinarizado sofra pressões mundanas externas que podem deturpar sua pureza. O que essas "pressões" representam está incorporado nas práticas científicas, e sempre esteve, pois essa "contaminação contextual" funciona como um "bem inalienável" de qualquer de nossas atividades. No processo de disciplinarização, ainda mais. *(Vejam o caso das políticas acadêmicas e universitárias modernas, que pertubam as práticas científicas, como destacado por Keith Thomas. Universidades sob ataque)*.

- 7. <u>O que afeta a disciplinarização - o afastamento desse processo das práticas científicas desinteressadas</u>: Não se trata apenas de interesses sociais e econômicos tornados visíveis por meio de uma crítica sociológica, mas também da modulação histórica da "ordem cultural", dimensão na qual se forja o principal de nossas representações, dos nossos modos de olhar, onde os axiomas se cristalizam. Fazer trabalhar a crítica nessa dimensão é mais incomum, dada a maior presença de postulados vistos como indiscutiveis, ou pior, dada a existência de postulados não vistos. *As disciplinas são instituições sociais que criam práticas internas*

*JEAN-MICHEL BERTHELOT (Inteligência do social) diz que mais que os objetos de estudo, o que mais marca as ciências são as práticas epistemológicas, modelos epistemológicos, "a história tem suas ênfases, a geografia (empirismo)..."*

- 8. <u>Um olhar interno sobre a disciplinarização</u>: uma contraposição entre uma ordem científica que expressa um conjunto de ciências **territoriais** e algumas **transversais**. **Territoriais**: estariam mais próximas do *paradigma da simplicidade* (para usar a terminologia popularizada por Edgar Morin), que é uma expressão do pensamento analítico-empírico (agora é a linguagem de Habermas), desenvolvido no âmbito das ciências da natureza. Esse paradigma opera por *disjunção* que é o separar para a análise. A imagem de Morin é a seguinte: desmonta-se o motor para alinhar as peças e estudar uma por uma. Opera também por r*edução*, atuando sobre a diversidade de fenômenos a um só princípio, a uma lei... a um princípio geral, e aí a sensação é que se pôs ordem no mundo. *O grande inconveniente desse paradigma é a sua aplicação em desconexão com a realidade estudada, por exemplo sua aplicação nas ciências humanas.* Mas, a isso voltaremos mais tarde. **Transversais,** estariam mais próximas do paradigma da complexidade (Morin) e mais ajustadas ao pensamento histórico hermenêutico. Seria a ideia da multimensionalidade das realidades sociais, especialmente, e que parcelar essas realidades (criando territórios específicos) é **mutilar contextos**, âmbitos que não podem ser violados sob pena do referencial de significações e interpretações ser inutilizado. Que os elementos

constitutivos das realidades sociais estão interligados, e que o núcleo dos nossos esforços investigativos é mesmo sobre essas relações. Todo elemento do real é um "objeto social total", não-recortável, multidimensional, em suma é complexo. O quadro das diferentes disciplinas (economia, história, antropologia, geografia, sociologia, etc) não implicaria, segundo esse paradigma, em segmentos do real reservados para cada uma, mas significa que elas analisam a realidade total a partir de um ponto de vista, de um ângulo de ataque.; evitar o perigo da confusão entre complexidade e "completude". Disciplinas que já têm uma vocação e uma lógica transversal, mesmo no âmbito de uma arquitetura disciplinar tradicional e pouco reflexiva: a história, a geografia. Em tese os estudos históricos (a abordagem temporal) atravessam de lado a lado o conjunto dos elementos das realidades sociais. A geografia também poderia fazer isso, está dado, mas não o faz. A ideia é que as disciplinas de tradição territorial transitem para a transversalidade. Que se vejam como dimensões da realidade e não como parcelas autônomas. Mas, isso se choca com a institucionalização.

- 9. Um olhar interno sobre a disciplinarização (II): a oposição entre disciplinas territoriais e transversais diz respeito às formas de recortar, de delimitar campos (há uma discussão de fundo a ser explorada que diz respeito a definição de domínios no mundo e a incongruência da criação científica em relação a essas realidades, vistas como irracionais, do mundo vivido). Outro aspecto interessante é que essa disciplinarização onde predominou a disciplina territorial, parcelar, sob o domínio de métodos uniformes (o positivismo), de uma ideologia de

cientificidade, pode ser vislumbrada muito mais pelo que resulta em termos epistemológicos, tanto para o dominante quanto para o dissidente, e ou resistente. Esse olhar epistemológico, no mínimo, nos aponta duas abordagens epistemológicas radicalmente distintas (o que irá se refletir nos métodos, nas metodologias, nos regimes de verdade etc). Assim, a distinção entre ciências da natureza e exatas e ciências humanas não basta, há que se ver o rebatimento epistemológico dessa distinção. Habermas distinguiu desse ponto de vista as *ciências empíricas-analíticas* e as *ciências históricas-hermenêuticas.* Essa distinção sugere uma especificidade das operações mentais e das performances cognitivas requeridas nas duas grandes regiões do conhecimento e do saber. É possível identificar as funções intelectuais mobilizadas num caso e no outro. Isso define o perfil das competências intelectuais que cada envolvido possui, e mais profundamente pode até se referir ao perfil das personalidades estudantes e professores, que são os operadores disciplinares.

A inteligência analítica: é a inteligência do paradigma da simplicidade, como já foi notado anteriormente, divide, recorta, segmenta para a análise, logo não privilegia as interações. Não identifica e avaliação discursos e narrativas a partir de contextos. não situa as interações e não identifica os discursos tendo em contextos. Parte de elementos dissociados da realidade física ou de uma idealização matemática, quando pensa em relações, as reduz a relações necessárias de causa e efeito (a explicação) e tudo só adquire significação no interior de paradigmas. (Thomas Kuhn). Fonte do pensamento técnico, da visão operacional e

funcionalista. Que opera com fatos e não intenções, motivações, porque o mundo do mecanismo é desprovido disso.

A inteligência histórico-hermenêutica: maior familiarização com o mundo vivido (visto como uma dimensão da vida humana social que racionaliza as realidades, mesmo que num âmbito précientífico), objetos mais globalizantes não desconectados dos contextos, interpretação dos sentidos das ações humanas, educação da percepção estética, compreensão hermenêutica das formas naturais ou físicas, das culturais, das simbólicas, desenvolve a faculdade de julgar refletindo a partir da identificação por dados, contextualizações diversas que demole os preconceitos, os sensos comuns etc etc.

Subestimação da inteligência histórico-hermenêutica: essas competências são subestimadas em domínios como a medicina, a física, nos diversas aplicações das ciências da natureza etc etc e são largamente subestimadas no âmbito social econômico. Não são as ciências sociais que são subestimadas, mas sim aquelas ou aquelas momentos nas quais essa inteligência domina. As ciências sociais podem ser "invadidas" pela inteligência empírico-analítica e aí seu prestígio pode se elevar, como no caso da economia, ciência social sistemática, que opera com fatos, matematiza as relações das realidades econômicas (sistema produtivo, sistema monetário e sistema fiscal) transformadas em grandes agregados estatísticos e subestima o mundo das intencionalidades, reificando as relações sociais, desprovendo-as de significados. Inclusive no próprio âmbito das ciências sociais a razão pode ser reduzida a uma dimensão

meramente instrumental, que pensa o instrumento (os meios), mas não pensa os fins. Afinal, a realidade social nessa chave é vista como uma realidade mecânica. De um certo modo, a inteligência empírico-analítica impera no universo cultural das ciências sociais nos EUA. Vejam o que diz Jane Jacobs, autora do clássico, Morte e Vida de Grandes Cidades Americanas:

*"Eu me sinto mais ligada ao debate de ideias que anima as revistas de arquitetura inglesa do que ao trabalho dos sociólogos americanos. Mais que a cidade mesmo, eles se interessam por uma abordagem estatística dos comportamentos humanos, sem verdadeiramente procurar caracterizar e compreender, assim me parece, o contexto onde eles se desenvolvem: o contexto físico, que torna-se também seu contexto social. Os urbanistas têm, em sua maior parte, uma visão da cidade inteiramente teórica, carregada de estética – a estética da cidade-jardim e aquela da cidade radiosa. Eles fazem pouco caso, para não dizer nenhum, da maneira como as cidades funcionam e como as pessoas vivem nelas." (p. 390 – Jane Jacobs, em entrevista a Thierry Paquot)*

- 11. A Interdisciplinaridade: visa comunicar, transacionar, transitar, reconstruir, rever aquilo que o processo disciplinarização bloqueou. É bom lembrar, se já não fosse claro, que a forma de disciplinar, de recortar, afeta a substância do saber que se gera nesses moldes. É bom lembrar que as áreas disciplinares criam seus próprios medidores e critérios de rigor e cientificidade, e que a proposição interdisciplinar, que propõe transversalidade onde havia territórios, comunicação onde havia

enclaves semânticos, perturba a ordem existente e pode sofrer reações contra o infringir de regras visto como perda de rigor... Porém, rigor científico e defesa da disciplinarização tal como ela se encontra e funciona podem não ser compatíveis. Essa é uma boa guerra.

Vantagens da interdisciplinaridade em ciências sociais: a pesquisa em ciências sociais tem tudo a ganhar se dispuser de lugares onde elas possam levar e encontrar aquilo que lhes é comum, onde elas possam dizer e fazer em conjunto, colocar em questão suas teorias, trocar com outros saberes, dialogar com a sociedade. Afinal, não é no "real" que se encontram os recortes do saber disciplinares, mas no nosso imaginário cognitivo.

Dificuldades: as ciências sociais são atravessadas por duas ideologias opostas e as duas contribuem para desacreditar a postura teórica. 1. A primeira surge de uma reticência de algumas correntes filosóficas que não reconhecem a possibilidade de um domínio científico de pleno exercício no domínio dos mundos sociais. Haveria um déficit científico substancial e essencial da área (Carlo Guinsburg). A ideia deleuziana segundo a qual o mundo dos "conceitos" é o da filosofia é estimulante mais inquietante: o que restaria então para as ciências sociais? A invasão do cientificismo de origem nas naturais que ou deforma as ciências sociais, ou a condena a uma condição de déficit cognitivo (o que leva até Carlo Guinsburg); 2. A outra opção negativa é o empirismo, fortemente representado pelos historiadores, os politólogos, os geógrafos e os antropólogos, onde é mal visto a pretensão de se construir edifícios conceituais de alguma ambição. Ora, a ambição teórica,

a teorização nesse campo é uma exigência para a crítica da disciplinarização, a teorização nesse campo quase sempre adquire uma condição de transcendência em relação aos recortes disciplinares, como é o caso do marxismo que é uma teoria social que não se conforma numa dessas áreas. A interdisciplinaridade exige mais e novas elaborações teóricas do que o "presumido" rigor acomodado nas divisões disciplinares. E temos repertório para isso, mas fragmentado por aí.

Caminhos: a necessidade da realização de um "programa teórico" permanece diante de nós, especialmente seu componente megateórico, teorias do social, quer dizer, aqueles conceitos comuns a todas as ciências sociais que não foram até hoje senão pouco explorados. Recursos: o sistemismo (em particular a reflexão sobre sistemas abertos); os macro-conceitos (a necessidade de pensar por “constelação” de conceitos). A consciência crítica sobre a divisão disciplinar precisa ser objeto de grande atenção. Afinal, o conhecimento científico se apresenta com subdivisões altamente discutíveis, embora essas estejam naturalizadas, ou por uma forte tradição ou pela competência técnica de acesso à informação e não pela consistência epistemológica e teórica. No mundo social, a maior parte das pedras angulares de toda construção teórica são comuns quanto à forma de identificação dos objetos de estudo, nos modos de raciocínios, das metodologias ou dos conceitos fundadores. No entanto, o que é comum não é reconhecido, ou foi diferenciado e conforme cada disciplina foi ignorado.

Uma crítica que considero bastante interessante sobre o disciplinamento e uma proposição lógica: se o disciplinamento não existisse seria preciso inventá-lo? Pode-se dizer que, enquanto ramo do saber suficientemente delimitado para permitir a um pesquisador ter uma visão razoavelmente "completa", as disciplinas são muito grandes. Porém, enquanto de ponto de vista global e autosuficente sobre o social, elas são claramente muito pequenas. Na construção de escalas pertinente do saber, seria preciso portanto relativizar o NIVEL DISCIPLINAR E SUSTENTAR, ACIMA E ABAIXO, OUTROS AGREGADOS PERTINENTES. Nessa perspectiva a ideia é uma ciência social emergida, que do mesmo modo que a física (inclindo a química) que é a ciência da matéria e a biologia que é uma ciência do ser vivo seria o produto avançado da interdisciplinaridade em ciências sociais. (as ciências sociais representam uma fragmentação do pensamento social, o que as ciências da natureza não fazem de forma tão radical). Nos três casos, é a coerência das lógicas explicativas ou das lógicas interpretativas que importa sobre qualquer outro critério de recorte. Quando as ciências se assumirem como uma ação cognitiva não sobre um tipo de coisas, mas de um tipo de relações entre as coisas, a ciência social se imporá como a solução mais realista e eficaz e que entronizaria o paradigma da complexidade. Assim, o fim de uma endogamia implicita com a filosofia e a forclusão de um projeto dominador de alguns filósofos.

A geopolítica da sinergia entre as disciplinas do social: com a perspectiva de reforçar as convergências e o fechamento da rigidez disciplinar, é importante derrubar as fronteiras culturais

entre os domínios. Hoje, talvez, quem sabe, pode-se observar a formação gradual de um espaço de encontro e por vezes, de sinergia, entre a sociologia, a ciência política, a antropologia, a geografia, e, numa medida menor, a história. Mas ao lado dessas, há a linguística, (hesitando sobre seu estatuto pós-estruturalista), a economia (que tem muita dificuldade em renunciar a suas visões "imperiais", muito em função do cientificismo selvagem e desprovido de substância), o direito (que vive um estatuto ambíguo entre engenharia e ciência), e as ciências do psiquismo (atualmente lançadas entre as ciências cognitivas e a psicanálise) que permanecem mundos a parte, muito isolados das outras ciências sociais. Fazer conversar essas diferentes abordagens torna-se mais e mais urgente.

A geopolítica da sinergia entre as ciências do social e das ciências biofísicas: se dá o mesmo com as ciências biofísicas, cujas similitudes e as convergências com as ciências sociais não foram senão imperfeitamente exploradas, porém a transferência selvagem dos conceitos da física e da biologia (da inteligência empírico-analítica) utilizada como garantia de uma cientificidade mítica fez infelizmente um grande estrago. Por outro lado, em se polarizando sobre as estatísticas, as ciências sociais - com a exceção relativa da economia - até aqui perderam com o contato com as matemáticas. As tecnologias originárias da física, da biologia interessam de maneira específica, naquilo que elas criam de novos domínios de interações sociais. É preciso um diálogo de igual para igual entre pesquisadores que têm, até um certo ponto, o mesmo genero de problemas a resolver. Por outro lado, as ciências sociais tem uma enorme vantagem: a

proximidade de suas "aplicações", quer dizer de suas implicações no projeto e na ação. As tecnologias sociais de todos os tipos: arquitetura, administração, gestão, ajuda à decisão, se situam frequentemente nas abordagens extremamente próximas da pesquisa fundamental.

Geopolítica da sinergia entre as ciências do social e o mundo das artes: os mundos das artes nos interpelam não somente como objetos de estudo e como práticas sociais específicas, mas também porque se trata de produção de conhecimentos alternativos e convergentes com a abordagem científica. Aquilo que há de positivo com o longo compartilhamento entre literatura e ciências sociais, deve ser estendido às outras artes. Cinema como liguagem científica, por exemplo.